



A CASA DE BÁRBARA HELIODORA EM SÃO JOÃO DEL-REI: Documentação necessária para a historiografia da arquitetura civil setecentista em Minas Gerais

**DANGELO, ANDRÉ G. D. (1); BRASILEIRO, VANESSA B. (2); BERG, ISABELA C.
A. (3)**

1. Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Análise Crítica e Histórica da Arquitetura e do Urbanismo, Escola de Arquitetura
Endereço: Rua Paraíba, 697, bairro Funcionários, Belo Horizonte - MG
E-mail: andregddangelo@gmail.com
2. Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Análise Crítica e Histórica da Arquitetura e do Urbanismo, Escola de Arquitetura
Endereço: Rua Paraíba, 697, bairro Funcionários, Belo Horizonte - MG
E-mail: vbbrasileiro@gmail.com
3. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura
Endereço: Rua Antônio Lombelo Rocha, 237, bairro São Judas Tadeu, São João del-Rei - MG.
E-mail: isabela.berg@gmail.com

RESUMO

O panorama da história da arquitetura e do urbanismo na cidade de São João del-Rei é, ainda hoje, uma tarefa incompleta, dado que a maioria dos estudos efetuados dedicaram-se a historiar os monumentos tombados da cidade: a Matriz de Nossa Senhora do Pilar, as igrejas de São Francisco de Assis e de Nossa Senhora do Carmo, as pontes da Cadeia e do Rosário, os Passos da Paixão e os chafarizes coloniais. Se todos esses bens foram exaustivamente estudados, cabe ainda investigar as questões ligadas ao desenvolvimento da arquitetura civil da cidade de São João del-Rei de modo a completar este quadro.

A casa de Bárbara Heliadora é um dos poucos exemplares remanescentes do século XVIII, integrante do conjunto tombado na cidade. Sua importância histórica diferencial se justifica por nele ter nascido, em 1759, residido e se casado, em oratório particular ali existente, a poetisa Bárbara Heliadora Guilhermina da Silveira. Filha de ricos negociantes paulistas, primeira poetisa brasileira, culta e revolucionária, Bárbara foi uma mulher que, em toda sua vida, agiu com coragem e fibra. Aos 20 anos se apaixonou pelo poeta e futuro inconfidente Alvarenga Peixoto, então Promotor na Comarca do Rio das Mortes. Afrontando os costumes de época, ali viveram juntos antes mesmo de que seu casamento se efetivasse, por portaria do Bispo de Mariana, em 22 de dezembro de 1781. Boa parte desse romance histórico, tão estudado pela literatura brasileira, aconteceu neste antigo edifício setecentista, localizado no antigo Largo de São Francisco, atual Praça Frei Orlando.

O trabalho ora apresentado – resultado parcial de pesquisas apoiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento da Pesquisa (CNPq) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) – se faz também importante em razão das sucessivas e pouco criteriosas intervenções realizadas no imóvel, ora ocupado pela Secretaria Municipal de Cultura, modificando substancialmente seu caráter original, seja sob o ponto de vista da espacialidade, seja sob aspectos técnico-construtivos. Neste sentido, elaborar um inventário, documentando o estado atual de conservação do bem, e confrontar tal situação com a documentação histórica e fotográfica existente, bem como com os fragmentos ainda remanescentes da estrutura original, consiste em importante contribuição para a historiografia da arquitetura civil setecentista em Minas Gerais.

Palavras-chave: Arquitetura colonial brasileira; Arquitetura civil; São João del-Rei;, Historiografia; Conservação.

Introdução

Traçar um panorama a respeito da história da Arquitetura e do Urbanismo da cidade de São João del-Rei é, ainda hoje, uma tarefa incompleta, já que os estudos efetuados até então em sua maioria dedicaram-se apenas a historiar os monumentos tombados da cidade: a Matriz de Nossa Senhora do Pilar; as igrejas de São Francisco de Assis e de Nossa Senhora do Carmo; as pontes da Cadeia e do Rosário; os Passos da Paixão e os chafarizes coloniais. Todos esses edifícios já foram exaustivamente analisados e, por esta razão, optamos neste artigo por focar no desenvolvimento da arquitetura civil consolidada durante o século XVIII e, dentro desse recorte, propor uma análise do pequeno sobrado conhecido como “Casa de Bárbara Heliodora”, a famosa poetisa e musa do poeta Alvarenga Peixoto, um dos membros do movimento da Inconfidência Mineira.

O texto aqui apresentado tem como base a pesquisa por nós coordenada, intitulada “Subsídios Metodológicos para o Estudo da Arquitetura e da Formação da Morfologia Urbana da Cidade de São João del-Rei”, desenvolvida na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (EAUFMG) com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) através do Edital Universal de 2010.

Inicialmente é válido lembrar que o Centro Histórico de São João del-Rei recebeu o tombamento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1938, sendo inscrito no Livro do Tombo das Belas-Artes e identificado pelo Processo de tombamento n.68-T-38. Em 1944 a área do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico do Centro Histórico da cidade chegou a ser redemarcada, num acordo entre a Prefeitura Municipal e o próprio IPHAN e, mais tarde, em 1988, sua proteção foi ampliada passando a englobar a esfera do Poder Público Municipal, atendendo à determinação contida na Constituição elaborada naquele ano segundo a qual os municípios passariam a assumir o papel de agentes principais na tarefa da preservação do patrimônio.

Ainda que persistam lacunas em sua proteção nos tempos atuais, o acervo hoje existente ainda é, certamente, um dos testemunhos mais relevantes da importância da cidade de São João del-Rei para a formação de Minas Gerais e do Brasil, permitindo que a cidade seja tomada no campo de conhecimento da Arquitetura e Urbanismo como uma dentre aquelas nas quais se pode encontrar a mais alta expressão do caráter sociocultural do patrimônio arquitetônico e urbanístico brasileiro. São João del-Rei trata-se ainda de uma cidade cuja evolução urbana e arquitetônica foi marcada por grandes transformações durante o século XIX e mesmo durante as quatro primeiras décadas do século XX, o que fez com que nossa pesquisa apontasse para um acervo restrito a um número limitado de casas oriundas do

século XVIII, sendo que, dentre essas edificações remanescentes, certamente a chamada “Casa de Bárbara Heliadora” seria aquela dotada de maior importância histórica na amostragem. Ao seu lado, apenas para pontuar, estariam como imóveis merecedores de atenção para estudo da evolução arquitetônica da cidade a velha casa da antiga Rua das Mônicas, atual sede do Instituto Histórico e Geográfico, que representa, com seu balcão em balanço (originalmente com parapeito em pau a pique), a transição de uma arquitetura rural de origem paulista para uma adaptação urbana na cidade em formação; e a antiga casa que existiu na esquina do beco que liga a Rua do Carmo à Rua da Cachaça, junto de alguns exemplares situados na Rua Santo Antônio. A rusticidade dos seus acabamentos, a falta de compromisso com a composição entre cheios e vazios e os pés-direitos baixos são digitais inequívocas da antiguidade desses exemplares. Infelizmente, porém, são imóveis cujo estudo se estrutura muito mais a partir da análise de imagens antigas do que dos próprios objetos - a maioria atualmente descaracterizada por intervenções em geral mal feitas, conduzidas sem os critérios técnicos adequados.

Típica da segunda metade do século XVIII existe ainda a casa situada no sopé da Serra das Mercês, no antigo caminho para as betas, por muito tempo tida como o “Fortim dos Emboabas”. Esta edificação pode ser considerada uma tipologia típica de chácaras de arrabalde e, deste mesmo período, mas de uma tipologia diferente, é a casa sobre a qual nos deteremos neste artigo.

A casa de Bárbara Heliadora

Situado no Largo de São Francisco, concebemos o referido imóvel como um exemplar de características mais urbanas que transita para uma tipologia de sobrado, no qual acredita-se que foi onde nasceu e se casou a notável figura de Bárbara Heliadora. Segundo Lúcio Costa, as edificações do tipo da casa em questão podem ser classificadas como pertencentes ao período dito de “ocupação do território”, construídas em madeira e barro (taipa de pilão ou pau a pique) - sistema construtivo que, aliás, irá vigorar na arquitetura civil são-joanense até o fim do século XIX. São edificações estruturadas numa tipologia que, de modo geral, caracteriza-se por maior predominância dos cheios sobre os vazios e por soluções de linguagem arquitetônica simples, ditadas pela austeridade construtiva tanto de formas como de acabamentos.

Do ponto de vista arquitetônico, podemos dizer que as edificações vinculadas a essa morfologia urbana eram inicialmente construídas de parede e meia em pau a pique ou taipa

de pilão sendo o adobe introduzido como um sistema construtivo mais frequente somente durante o século XIX. As plantas geralmente estavam vinculadas a soluções de duas janelas e uma porta em diversas formas de articulação e composição das fachadas, sendo as casas mais modestas compostas de apenas uma porta e uma janela. A setorização do imóvel, seguindo a tradicional maneira de morar do Brasil colonial, constituía-se em receber nos cômodos da frente, dormir nas alcovas situadas no centro da casa e viver na sala dos fundos. A cozinha inicialmente localizava-se em cômodo separado da casa, vindo a ser conectada ao corpo principal do edifício ao longo do século XIX, quando surgiram os tradicionais puxados em "L" ou em forma de "U".

Fugindo a essa tipologia, a chamada casa de Bárbara Heliadora pode ser vista como uma casa de transição. Ao mesmo tempo que apresenta características de casa de arrabalde, mais ao estilo de uma "chácara", mantém sua fachada em sobrado de pé-direito baixo com o primeiro pavimento no alinhamento da rua, à moda de uma casa urbana. Essa dimensão dúbia, aliás, é bastante coerente com as mudanças que ocorriam naquela área da cidade na época da construção dessa edificação. No final da primeira metade do século XVIII ela vinha passando por um rápido processo de urbanização devido à valorização obtida com a construção da primeira Capela da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, cuja licença de doação da grande sesmaria foi lavrada no ano de 1749.

Sobre a provável data de construção da casa, pensamos que podemos falar de um edifício erguido aproximadamente entre os anos de 1740 a 1755. Isso porque sabemos, por meio de documentação existente, que o influente advogado Dr. José da Silveira e Souza, formado em Coimbra, por volta de 1741 já residia na então Vila de São João del-Rei, sendo datada deste mesmo ano sua admissão como irmão na poderosa Irmandade do Santíssimo Sacramento. Ele se casa nesta mesma época com a Sra. Maria Josefa Bueno da Cunha, figura pertencente a importante família na cidade, vindo ambos a serem, tempos depois, os pais da heroína da Inconfidência Bárbara Heliadora Guilhermina da Silveira.

Pela leitura da documentação existente na Ordem de São Francisco, vemos ainda que a partir de 1756 o casal se vincula à então recém criada Ordem Terceira de São Francisco de Assis, na qual o Dr. José Silveira exercerá o importante Cargo de Ministro e à qual prestará significativo auxílio financeiro. Reforça-se deste modo, portanto, a hipótese de que eles já deveriam residir na edificação neste período. Sabemos também, por vias documentais, que no dia 22 de dezembro de 1781 o Padre Carlos Correia de Toledo oficia no Oratório da casa do Dr. José da Silveira e Souza o casamento do Dr. Inácio José de Alvarenga Peixoto com Bárbara Heliadora Guilhermina da Silveira e ainda que o Dr. José da Silveira e Souza vem a

falecer em São João del-Rei a 05 de abril de 1793, sendo sepultado na Igreja de São Francisco de Assis.

Há apenas duas imagens (figuras 1 e 2) conhecidas do histórico imóvel antes da primeira grande reforma nele efetuada por volta de 1930, o que nos conduz a uma série de dúvidas acerca da autenticidade do atual estado da edificação, que passaria ainda por outra grande reforma em 1970 - época em que a propriedade já pertencia à Prefeitura Municipal de São João del-Rei - e por uma significativa intervenção no ano de 2007, quando o imóvel praticamente ruiu e teve 80% da parte original, que não havia sido modificada na reforma de 1930, reconstruída, fazendo com que restasse muito pouco do que constituía o edifício na época de sua construção.



Figura 1 - Vista frontal da Casa de Bárbara Heliodora datada do ano de 1906 (vide destaque). Fonte: Arquivo da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos de São João del-Rei.



Figura 2 - Vista de fundos da Casa de Bárbara Heliodora datada do ano de 1907. Fonte: Arquivo de Silvério Parada.

Tendo por base os estudos da documentação da Prefeitura, da documentação fotográfica de maior significado existente no Arquivo Noronha Santos no Rio de Janeiro, no arquivo do Escritório Técnico do IPHAN de São João del-Rei e em mais alguns arquivos particulares da cidade, levantamos uma série de questões sobre o estado atual do imóvel.

Os registros documentais como suportes à análise e à formulação de hipóteses sobre as características assumidas pela edificação ao longo do tempo

As duas imagens anteriores à reforma de 1930 confirmam o perfil de uma casa de arrabalde com grande porção de terra aos fundos e nas laterais, embora a frente do sobrado já se articulasse com o alinhamento da antiga Rua do Bonfim (atual Rua Ribeiros Bastos). Nestas imagens o gradil das sacadas, embora entalados, coerentes com as tipologias mais antigas, já aparecem com as grades de ferro batido típicas da arquitetura do período do Império na cidade. Essa característica de casa de arrabalde é ainda confirmada pela vizinhança atual, proveniente de loteamentos desta antiga chácara em época diversa: à sua esquerda¹ vê-se a construção do chamado Solar do Barão de São João del-Rei, construção datada de 1850; à direita vê-se uma pequena casa de linguagem eclética provavelmente construída na década de 1920.

Baseados ainda nas duas fotos mais antigas, levantamos a hipótese de que o puxado existente já neste período, como mostra a figura 2, consistia em um acréscimo do século XIX - anterior, portanto, à primeira reforma. A falta de uma articulação bem resolvida entre as águas dos telhado dos dois volumes igualmente sugere essa hipótese. A imagem dos fundos da casa também revela uma solução de articulação da cobertura da varanda muito diferente da resultante da reforma de 1930 (figura 2), na qual todo o volume posterior do puxado foi reconstruído. Nas imagens não é possível verificar com clareza se a porção do terreno onde foi edificado o edifício eclético na década de 1920 ainda pertencia à casa original. Na foto dos fundos, certamente anterior à reforma de 1930, ainda se nota a pequena água-furtada, elemento tão tradicional das casas desse período que servia para iluminar o telhado, onde tradicionalmente eram guardados objetos não utilizados e não raramente dormiam os escravos da casa.

¹ Considera-se como referência o próprio edifício da Casa de Bárbara Heliodora.

Ainda no campo das hipóteses, pensamos que onde foi demolido parte do antigo muro frontal de adobe (figura 3) para a introdução de uma grade, intervenção certamente posterior a 1850, deveria existir um portão largo constituído por portal de madeira maciça que dava acesso aos cavalos e caleças à moda tradicional e delimitava o terreno em relação à rua. Nesse mesmo sentido, as fotos posteriores à reforma de 1930 mostram uma empena interrompida toscamente que, pelo que parece, estabeleceria continuidade com outro volume à frente da casa, no qual bem poderia situar-se o oratório (figura 3). Isto porque este deveria possuir certa projeção para uma distinção arquitetônica em relação à edificação a fim de que se conseguissem as licenças eclesiásticas que permitiriam a realização de ritos tão complexos no direito canônico como a celebração de um casamento. São hipóteses, porém, que ficam em aberto e que são difíceis de serem aprofundadas ou confirmadas diante das intervenções sofridas pelo imóvel ao longo do tempo.

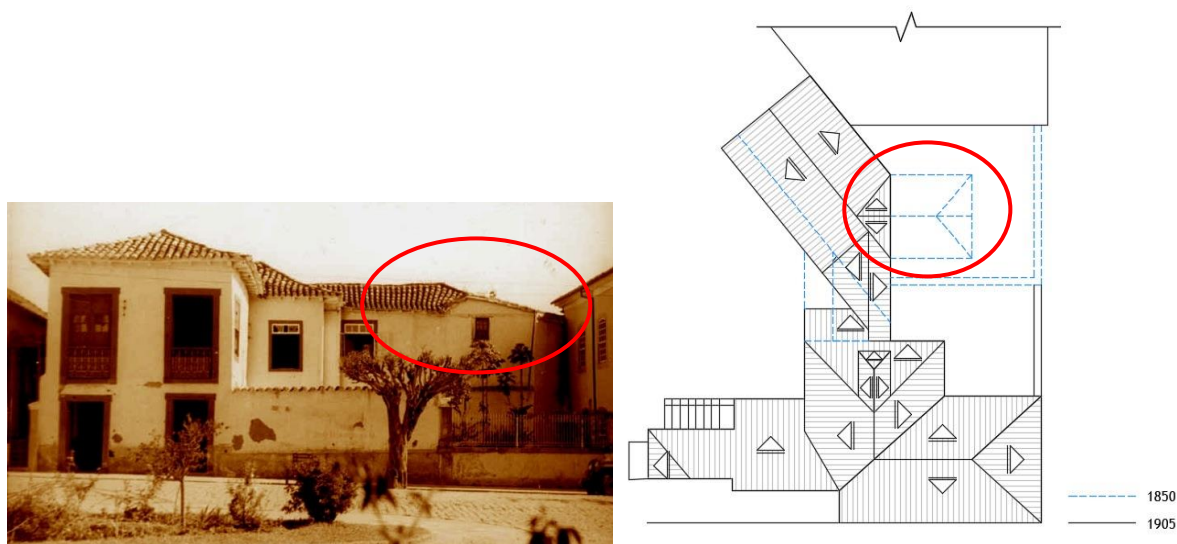


Figura 3: Vista da empena interrompida (vide destaque à esquerda) onde deveria prolongar-se o volume do oratório (vide destaque à direita), datada de 1950, com a proposta hipotética de cobertura original do imóvel baseada nas imagens mais antigas e no estudo volumétrico da edificação (proposta dos autores). Fonte da fotografia: Arquivo da Prefeitura Municipal de São João del-Rei.

Dito isso, passamos a uma questão ainda mais complexa que corresponde ao problema da análise funcional da autenticidade do imóvel após as intervenções.



Figura 4: Vista da edificação após a última intervenção, sofrida em 2007. Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de São João del-Rei.

A questão inicial que nos colocamos é que, tratando-se de um imóvel rural, pensamos que não seria tão fácil realizar a transposição do tradicional modelo funcional da casa colonial urbana, estruturada como sabemos com sala de receber (à frente), alcovas (no centro), sala de viver (aos fundos) e corredor de ligação no sentido da rua, além do quintal, distribuindo também a circulação vertical. Neste sentido, optamos por partir da análise da articulação funcional da Casa do Padre Toledo, no município vizinho de Tiradentes, que embora muito mais monumental e sofisticada, também era uma edificação de arrabalde do mesmo período histórico, com características funcionais semelhantes e que foi criteriosamente restaurada levando em consideração o respeito à sua autenticidade histórica e técnico-construtiva.

A partir dessa comparação, acreditamos hipoteticamente que o edifício do tempo de Bárbara Heliodora era composto por uma estrutura em gaiola, mesclando partes de adobe e pau a pique. Poucos fragmentos dessa estrutura ainda podem ser vistos no imóvel atual. Funcionalmente o edifício era composto por uma entrada nobre associada à fachada, que se alinhava com a rua, e cujo acesso dava para o pátio dos fundos e para uma escada íngreme que conduzia até o segundo pavimento do sobrado. Ao final da escada tinha-se a tradicional distribuição entre a área social, que deveria ocupar a sala principal da casa com vista para o Largo de São Francisco e cujo teto em forma de gamela deveria ser o original, suposição que se faz por comparação com as soluções adotadas na casa do Padre Toledo; sendo o forro da casa de Bárbara Heliodora, porém, desprovido de pinturas. A escada ainda dá acesso a um corredor que desembocaria no antigo puxado, cujo original foi demolido e reposicionado na intervenção de 1930, talvez para buscar maior ventilação aos ambientes. Pelo corredor ainda se acessam dois cômodos pequenos que originalmente deveriam abrigar dois quartos e um cômodo maior que deveria abrigar a sala de jantar. Desta última, como indica a análise de imagens mais antigas, originalmente se chegaria a uma sala de

viver que dava para a varanda, e possivelmente para o cômodo do oratório (demolido em época imprecisa), além de alguns outros cômodos acessados e ventilados pela mesma varanda. Na parte do térreo havia uma passagem, ainda existente, que separava o jardim da frente do jardim dos fundos. Os demais cômodos de pé-direito muito baixo deveriam servir para abrigar senzalas, ferraria, depósitos e estrebarias e estacionamento da caleça, como na casa do Padre Toledo. Infelizmente, porém, tais especulações não podem ser comprovadas em decorrência das intervenções não criteriosas por que passou a casa nas três ocasiões anteriormente relatadas, as quais de fato prejudicaram de modo significativo o valor arquitetônico do edifício em questão.

Do ponto de vista da implantação, as imagens originais do fundo da casa tornam bastante evidente que o solar do Barão de São João del-Rei, situado à sua esquerda, coloca-se em expressivo avanço sobre a antiga edificação. Neste sentido, ainda que sem conseguirmos uma prova documental nos cartórios, acreditamos ser bastante provável que o próprio Barão de São João del-Rei tenha sido quem adquiriu a antiga chácara e quem demoliu a capela, fazendo da primeira uma casa de renda após tê-la parcelado em três terrenos. Como dito, a estratégia de implantação do novo solar em relação à casa nos conduz a esta hipótese, pois, caso o Barão não fosse proprietário da mesma, seria impossível demolir a incômoda capela e criar o gradil, fundamental para separar e monumentalizar o novo edifício oitocentista em relação à antiga casa, que adquiria então um papel secundário em relação ao novo solar.

Considerações finais

Como constatado ao longo da pesquisa que embasou a elaboração deste artigo, as antigas imagens da casa de Bárbara Heliadora, assim como de sua área de implantação, constituem valiosa documentação para o estudo da edificação, inclusive através do fomento à elaboração de hipóteses que também se prestam à relevante e necessária investigação sobre as características da arquitetura civil presente em Minas Gerais no período setecentista. Deve-se atentar, contudo, para o fato de que tais hipóteses muitas vezes encontram respaldo na comparação com edificações de características semelhantes - como mostrou ser possível o caso dos imóveis de Bárbara Heliadora e do Padre Toledo -, reforçando a importância da pesquisa cuidadosa dos registros existentes de tais construções de valor histórico e, ainda, da conservação destes.

Neste sentido, e concluindo nossas colocações, talvez nos reste ainda mencionar a precariedade da última intervenção realizada na casa. A consulta à documentação constante no acervo da Prefeitura Municipal de São João del-Rei evidenciou a carência de um estudo apurado sobre a edificação na ocasião em que parte da varanda ruiu e uma significativa porção do edifício precisou ser reconstruída. Não sendo o objetivo deste artigo a elaboração de uma crítica de intervenção e restauro, não devemos, porém, nos abster de apontar nossa preocupação diante do fato de que um edifício tão significativo do ponto de vista histórico - quer por suas fortes ligações com fatos e personagens históricos da Inconfidência Mineira, quer pelas referências que ainda fornece das características arquitetônicas e do processo de ocupação do território são-joanense naquele período -, não tenha recebido por parte dos responsáveis por sua tutela a dedicação de uma maior atenção a sua história e seus valores, o que, segundo acreditamos, poderia certamente ter conduzido a opções de restauro de caráter mais conservativo e mais respeitoso.

Deste modo pensamos, por fim, que o presente artigo ainda possa gerar uma outra contribuição além daquela inicialmente pretendida. Trata-se, diante das dificuldades e problemas encontrados no processo de análise da Casa de Bárbara Heliodora, da necessidade de se adotarem práticas de restauro mais meticulosas, devidamente fundamentadas na pesquisa e consulta atenta às fontes documentais dos imóveis a serem eventualmente alvo de intervenção, com a finalidade de que neles se possa reconhecer as características e os valores a serem preservados. Tal deve ser, afinal, a tarefa dos que dizem prestar-se à defesa do patrimônio.

Referências

Arquivos:

Arquivo de Noronha Santos – IPHAN-RJ

Arquivo de Silvério Parada – São João del-Rei

Arquivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional IPHAN: São João del-Rei. (Seção de Fotografias e Dossiês de Tombamento)

Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei (IHG-SJDR)

Arquivo do Museu Regional do IBRAM - São João del-Rei

Arquivo Municipal de São João del-Rei - São João del-Rei.

Laboratório de Fotodocumentação Sylvio de Vasconcellos – EAUFMG - Belo Horizonte

Bibliografia:

ALENCASTRO, Affonso. *A Princesa do Oeste e o mito da decadência de Minas Gerais*. São Paulo: Annablume, 2012.

BURTON, Richard Francis. Os cronistas viram e disseram. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, São João del-Rei, v. IV, p.54-59, 1986.

CABRITA, António Reis; AGUIAR, José; APPLETON, João. *Manual de apoio à reabilitação dos edifícios do Bairro Alto*. Lisboa: Pelouro da Reabilitação Urbana dos Núcleos Históricos, 1992.

CESCHI, Carlo. *Storia e Teoria del Restauro*. Milano: Mario Bulzone Editore, 1970.

CORONA Eduardo; LEMOS, Carlos Antônio C. *Dicionário de arquitetura brasileira*. São Paulo: Edart, 1972.

COSTA, Lucio. *Lucio Costa - registros de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

FLORES, Ralf José Castanheira. *São João del-Rei: Tensões e Conflitos na Articulação entre o Passado e o Progresso*. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade de São Carlos, 2009.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. *Circuito do Ouro; Campos das Vertentes – Diretrizes para o Desenvolvimento da Estrutura Urbana e Preservação do Centro Histórico de São João del-Rei*. Belo Horizonte: FJP, 1982. 2v.

_____. *São João del-Rei: como entender, proteger e viver a cidade*. Belo Horizonte: FJP, 1984.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *Alvenaria burguesa*. São Paulo: Nobel, 1989.

_____. *Morada paulista*. São Paulo: Nobel, 1989.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

SMITH, Robert. Arquitetura civil do período colonial. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (separata), Rio de Janeiro, v. 17, 1969.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1979.

_____. *Vila Rica: formação e desenvolvimento - residências*. São Paulo: Perspectiva, 1977. (Coleção Debates).

VIEGAS, Augusto. *Notícia de São João del-Rei*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1942.

WASTH RODRIGUES, José. *Documentário arquitetônico relativo à antiga construção civil no Brasil*. São Paulo: Martins/EDUSP, 1975.